

## Práticas educativas em pleno Carnaval: o autismo entre confetes e serpentinas

### ARTIGO

Perolina Souza Teles<sup>i</sup> 

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil

Fabio Zoboli<sup>ii</sup> 

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil

1

### Resumo

Este ensaio objetiva projetar referências simbólicas feitas ao autismo, capturando imagens de passagens carnavalescas, elaboradas a partir da “Identidade Autista”, para pensá-las sob uma perspectiva educativa e inclusiva. Deste modo, são trazidos ao escrito as escolas de samba Dascuia e Princesa do Igarauçu, que, em 2024, respectivamente, enredaram os temas “Cores do coração: uma jornada pelo autismo” e “Abram alas e deixem o autismo brilhar”. Interpela-se também o bloco Galo da Madrugada, que, em 2025, vestiu sua mascota com signos do autismo, e a banda Nação Zumbi, que dedicou seu *show* no Marco Zero às pessoas autistas, fazendo uso de meias com estampa de quebra-cabeça. A intenção do texto não foi estabelecer uma crítica negativa às estratégias de divulgação da causa autista, no entanto conclui-se que é importante tencionar tal debate para além do colorido festivo, que, infelizmente, pode reduzir a causa identitária a uma manifestação pontual e superficial.

**Palavras-chave:** Autismo. Carnaval. Prática Educativa. Educação Não Formal. Causa Identitária.

### Educational practices during Carnival: Autism among confetti and streamers

### Abstract

This essay aims to project symbolic references made to autism, capturing images from Carnival parades inspired by “Autistic Identity,” in order to reflect on them from an educational and inclusive perspective. In this context, the samba schools Dascuia and Princesa do Igarauçu are highlighted. In 2024, they presented the themes “Colors of the heart: a journey through autism” and “Make way and let autism shine,” respectively. The text also addresses the Galo da Madrugada Carnival block in 2025, which dressed its mascot with autism symbols, and the band Nação Zumbi, which dedicated its performance at Marco Zero to autistic individuals, wearing socks with puzzle piece patterns. The purpose of this text is not to offer a negative critique of these awareness strategies; however, it concludes that it is important to challenge this debate beyond festive colors, which may unfortunately reduce the identity cause to a one-off and superficial expression.

**Keywords:** Autism. Carnival. Educational Practice. Non-formal Education. Identity Cause.

## 1 Introdução

2

“Carnaval” é uma palavra oriunda do latim, *carnis levale*, que significa “retirar ou afastar-se da carne”. Foi a Igreja Católica, ainda na Idade Média, que se apropriou de diversas festividades pagãs, as quais eram demarcadas pela subversão de papéis sociais, para ressignificar esse período de “desvios” humanos. Incorporar essas manifestações antes da Quaresma<sup>1</sup> foi uma forma de reestabelecer a ordem, admitindo a licença dos corpos para viver as potencialidades de seus prazeres em plenitude. Dessa maneira, os dias de Carnaval são dias de permissão para o reino do caos.

A civilização do Ocidente medieval é, no nível do símbolo, o fruto da tensão entre Quaresma e Carnaval. Quaresma é o período de jejum originário do cristianismo. E a cultura dessa anticivilização não encontra melhor maneira para se exprimir do que através do Carnaval, que se instala verdadeiramente no século XII, isto é, em pleno triunfo da reforma gregoriana, para culminar, no século XIII, no próprio coração das cidades. O Carnaval é banquete, a exaltação do burlesco, da boa carne (Le Goff; Truong, 2006, p. 60-61).

Para efeito de argumentação deste escrito, tomamos como referência as *performances* de festivais que se relacionavam com os ciclos do planeta, que celebravam diversos deuses e deusas. A Igreja do Império Romano, que declarou o Cristianismo como religião oficial, utilizou o sincretismo como possibilidade para se conectar com as festividades do período que exaltava a fertilidade representado, por exemplo, pelo “Intrudo” português ou o “Carnaval de máscaras”, de Veneza.

No Brasil, o Carnaval recebeu influência de diversas culturas, tornando-se a festa das escolas de samba, dos blocos afro, dos maracatus, dos bloquinhos de rua, do *axé music*, das máscaras, das fantasias, das alegorias, do brilho, do *glitter*, do multicolor. Ferreira (2011) compreende o Carnaval “não como uma manifestação cultural sólida, cristalizada e atarraxada no tempo, mas como uma expressão mutável e em constante

<sup>1</sup> Denominação dada aos 40 dias que antecedem a Páscoa Cristã. O número 40 no Cristianismo é utilizado para fazer alusão a períodos de provação, tormentas, desafios penosos. Por isso, ele aparece nos 40 dias e 40 noites do dilúvio, nos 40 anos de peregrinação do povo no deserto e nos 40 dias de Jesus no deserto.

movimento, capaz de assumir novas formas a cada momento, preenchendo vazios, invadindo espaços, estabelecendo outras fronteiras, reinventando constantemente novos significados para antigas tradições, ou novas tradições para antigos significados”.

Por isso, nessa festa da cultura popular, tem gente que vive esses dias sendo animal, cangaceiro, *Pierrot*, colombina, palhaço, entidade de religiões de matriz africana, personagem de desenho animado, super-herói... alguns preferem vestes inspiradas em outros carnavais, em outros países, civilizações ou até mesmo pouca ou nenhuma veste. Na obra clássica *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Roberto Damatta (1979, p. 91) menciona que o Carnaval é uma loucura, pois, nessa época do ano, “nosso mundo social tão preocupado com as hierarquias e as lógicas do ‘você sabe com quem está falando?’ está oferecendo mais aberturas do que aquelas em que podemos realmente entrar”.

Quase tudo vale, salvo engano, com a licença poética concedida pela folia momesca. Gente vira folião, que se esmera em viver em poucos dias do ano toda a potência do corpo, a pulsação máxima da matéria, buscando liberdade, transgressão e crítica às castrações sociais. Sim, o Carnaval do Brasil é um ritual que, fundamentalmente, é um manifesto político. E, como tal, expõe as desigualdades – sejam elas sociais, econômicas, classistas, territoriais ou de acessibilidade. Afinal, como sugere Damatta (1979), o Carnaval transforma marginais/inferiores (muito significativamente chamados, no Brasil, de “indivíduos”) em “pessoas”; e transforma as “pessoas” em “indivíduos”, afinal, o Carnaval brasileiro é capaz de criar essa zona de ambiguidade em uma subversão temporária.

Seguindo esse argumento, “arrumar as malas” ou se “fantasiar” para viver o Carnaval também significa se apropriar de bandeiras, placas, símbolos, crenças e ideologia, para brindar a liberdade e para brincar com aquilo que nos move. Ou seja, de algum modo as imagens carnavalescas nos falam sobre práticas educativas, intencionadas mediante símbolos que denotam estratégias de educação não formal. Para nós, há, em certa medida, intenções de práticas educativas nessas manifestações carnavalescas, que, apesar de subverter contextos escolares, atingem milhares de

peessoas, por meio de uma perspectiva não formal de educação. De acordo com Gohn (2006, p. 2),

[...] a Educação não formal designa um processo com várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc.

Para Ferreira (2011), a cultura carnavalesca se estabelece dinamicamente além das institucionalizações oficiais, que se (re)organiza, se (re)questiona e se (re)produz a partir das ações cotidianas derivadas das práticas carnavalescas de cada contexto social. “Neste movimento, produz textos e práticas que estabelecem, continuamente, perguntas, desejos e respostas” (Ferreira, 2011, p. 1). É dentro desse contexto que surge a possibilidade de pensar o autismo e seus processos de subjetivação, na medida em que ele tem se apresentado também entre confetes, serpentinas, enredos de escolas de samba, bonecos gigantes, máscaras e figurinos.

O objetivo deste ensaio é projetar referências simbólicas feitas ao autismo, capturando imagens de passagens carnavalescas de 2024 e 2025 no Brasil, elaboradas a partir da “Identidade Autista”, para pensar essa condição humana, dentro de uma perspectiva educativa e de inclusão social. Desse modo, trazemos ao texto a escola de samba G.R.C.E.S. Dasçuia, de Florianópolis/SC, que levou à avenida o tema “Cores do coração: uma jornada pelo autismo”; a escola de samba G.R.E.S. Princesa do Igaraçu, de Parnaíba/PI, que entou o autismo com o enredo “Abram alas e deixem o autismo brilhar”; o bloco Galo da Madrugada, de Recife/PE, que homenageou as pessoas autistas enfeitando sua mascota com a cor azul nas asas e com um colar de quebra-cabeça no pescoço; e a banda Nação Zumbi, que dedicou seu *show* carnavalesco realizado no Marco Zero, em Recife/PE, às pessoas autistas, utilizando como símbolo meias com estampa de quebra-cabeça.

Esses episódios carnavalescos que tematizam a “Identidade Autista” compõem com o texto uma reflexão ensaística acerca de uma suposta permissão da sociedade para a promoção de igualdade entre os corpos. Em um país como o Brasil, pensar o Carnaval como parte da cultura popular é pensar o inusitado, o inovador, o diverso, o múltiplo, o plural. Afinal, “essa pluralidade é que cria arte, cultura, solidariedade, regras de convivência, pertencimento, autoestima, respeito à riqueza patrimonial e identitária com cara de Brasil, que precisa entender-se valorizada para enfrentar a cultura globalizada” (Gabriel, 2008, p. 80). Desse modo, nosso intento é tensionar o debate para além do colorido festivo, que, infelizmente, pode reduzir a causa da “Identidade Autista”, que é fruto de lutas de diversos movimentos sociais, a uma manifestação pontual e superficial.

## 2 O autismo de diversos carnavais

De acordo com Orrú (2016), Kanner realizou a categorização do autismo e a construção do seu conceito no século XX, sendo o primeiro pesquisador a publicar sobre essa temática. Em 1948, ele escreveu um “Manual de Psiquiatria Infantil”, que tinha esse assunto como um dos temas principais. Esse autor revisou a conceituação do autismo por diversas vezes, “[...] mas sempre destacando como características as dificuldades no relacionamento com as pessoas, a obsessão por objetos, o apego à rotina, as alterações no desenvolvimento da linguagem, o mutismo” (Orrú, 2016, p. 14). Kanner afirmava que era possível perceber essas características já nos primeiros dois anos de idade.

Laboyer (1995) reforça que o foco de Leo Kanner está na identificação do autismo, como síndrome que se apresentava ainda na vida intrauterina, com a noção de afastamento social, ausência de imaginação e ligação com a esquizofrenia em adultos. O voltar-se para si – da origem da palavra “autismo” – está pautado na ideia da inaptidão para interações sociais e, de certo modo, em nosso entendimento, conforta os seus pares sociais, transferindo as possibilidades de comunicação para um território da impossibilidade, em decorrência do inato “isolamento autístico”.

Atualmente, o autismo é nomeado como Transtorno do Espectro Autista ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), caracterizado, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (2013), pela existência de déficits persistentes na comunicação social e na interação social em diferentes contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. O DSM-5, publicado em 2013, é utilizado por psiquiatras e psicólogos com o principal objetivo de classificar os diversos transtornos mentais, dividindo-os em categorias. Traz também a descrição dos sintomas, da prevalência de casos e da evolução dos temas abordados.

O autismo, que atualmente circula entre escolas e clínicas, perpassa pelo advento daquilo que é voltado para si. O estranho que insiste em não se enquadrar, não se portar, não se compreender, não é grande novidade entre rótulos e relatórios. Seu código atualmente é sabido: 6A02, que quase sempre anda acompanhado por uma lista de déficits e sintomas que impossibilitam uma leitura do fora, dos processos de subjetivação, daquilo que não se vê, pois não se lê em manuais que o enquadram em peças que não se combinam, posto que são difusas e divergentes, mas que o poder biomédico insiste em fazê-lo (Teles; Zoboli; Orrú, 2024, p. 3).

Para além dos manuais médicos, que categorizam os corpos de pessoas autistas por meio de um diagnóstico, utilizamos como referência neste escrito a definição de “Identidade Autista”, que, de acordo com Teles (2024, p. 42), é construída a partir de uma proposta de normalização de um determinado agrupamento, reduzido a uma identidade única, desprezando suas potencialidades. É o espaço que contém o poder científico acumulado, de um saber constituído pela ciência moderna, que afirma o orgulho autista como algo singular e que constitui o aparato legal que, atualmente, beneficia as pessoas autistas e suas famílias – a exemplo da Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

Na composição da “Identidade Autista”, também destacamos a predominância do tom azul para identificar o autismo. Isso se justifica a partir da compreensão de que existe



uma prevalência de diagnósticos de autismo em pessoas do sexo masculino. Considerando que, no Brasil, ainda não temos dados oficiais sobre o número de pessoas diagnosticadas como autistas, tomamos como referência os índices divulgados pelo CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos da América), em 17 de abril de 2025, que indicam a prevalência de 1 em cada 31 crianças de 8 anos (3,22% da população). De acordo com Francisco Paiva Jr. (2025), a relação entre o número de homens e mulheres com diagnóstico de autismo segue diminuindo. Fator que, notadamente, contribui para que também a prevalência do tom azul para identificar o autismo siga sendo questionada por parte da comunidade autista.

Neste estudo, o CDC apontou uma proporção de aproximadamente 3,4 homens para cada mulher diagnosticada com TEA, em comparação à proporção anterior de 3,8 para 1, indicando um avanço importante na identificação do autismo entre meninas, historicamente subdiagnosticadas (Paiva Jr., 2025, *on-line*).

No entanto, na obra *Autismo no feminino: a voz da mulher autista* (2022), treze mulheres autistas trazem relatos pessoais sobre “O que você pensa que a sociedade precisa saber sobre autismo no feminino”. A exemplo de Sophia Mendonça (2002), autista, jornalista, escritora, Mestra em Comunicação Social e mulher transgênero, que propõe uma mudança de compreensão no que tange à prevalência do autismo em homens, defendendo a importância de serem consideradas questões referentes à interseccionalidade e ao autismo.

A interseccionalidade traz em seu bojo a compreensão de que existem questões diversas (raça, gênero, sexo, classe, religião) que compõem a experiência individual de ser autista. De acordo com Orrú (2024), essas características podem desencadear sofrimento físico e psíquico e, para superá-los, é necessário produzir informações que busquem a transformação dos processos de pesquisa, objetivando reduzir preconceitos e discriminações. Justifica-se, dessa maneira, a crítica à delimitação de uma única forma de ser autista, uma única cor ou uma única idade em que se é ou pode ser autista.

Portanto, esses dados tornam-se centrais para elucidar e contextualizar as referências imagéticas carnavalescas que provocaram a reflexão sobre o alcance da

causa autista em uma ambiência tão diversa, como é o Carnaval no Brasil. É importante destacar que a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) – também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 – propõe, no seu Artigo 1º, “[...] a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (LBI, 2015, p. 1). A LBI traz em seu bojo avanços significativos na garantia dos direitos das pessoas com deficiência, especialmente no tocante à inclusão.

Diante desse contexto, o marco temporal do Carnaval se apresenta como possibilidade de exaltação à inclusão, pela via da educação, que pretende conscientizar as pessoas sobre o autismo, por meio da exposição dos seus símbolos em avenidas, palcos e blocos de rua. Nesse sentido, traçamos reflexões acerca da inclusão de pessoas autistas, considerando que o mesmo autismo que possui multicores, que transgride padrões associados a uma irreal perspectiva de “normalidade” dentro da sociedade, contrasta diretamente com a predominância do autismo retratado nas avenidas, em pleno Carnaval. De acordo com Silva (2015, p. 4), “Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. [...] A identidade normal é ‘natural’, desejável, única”.

Tomamos como referência a escola de samba G.R.C.E.S. Dascuia, de Florianópolis/SC, que foi fundada como bloco em 2004. O nome dessa escola é uma homenagem a Altamiro José dos Anjos, o Dascuia, figura ilustre do Carnaval da capital catarinense. Suas cores são verde e rosa em homenagem à Estação Primeira de Mangueira, escola de samba do Rio de Janeiro/RJ. Em 2011, a Dascuia virou escola de samba e, em 2014, foi campeã do grupo de acesso, seguindo como destaque do Grupo Especial do Carnaval da sua cidade.

Em 2024, essa agremiação trouxe à avenida o tema “Cores do coração: uma jornada pelo autismo”. A escola traz, na capa do seu samba-enredo, diversas nuances que se inter cruzam com a ideia de “Identidade Autista”, quais sejam: o menino azulado com o



símbolo da neurodiversidade na camisa, suspendendo um coração azul com o símbolo da Dascuia dentro; e o quebra-cabeça rodeado por girassóis.

**Figura 1 – Capa do samba-enredo “Cores do coração: uma jornada pelo autismo”**



Fonte: Dascuia (2023).

Sobre os símbolos que identificam o autismo, que aparecem na imagem anterior, destacamos o quebra-cabeça, que é o:

Símbolo mundial da conscientização do autismo – e que tem seu uso legalizado na Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo, também conhecida como Lei Berenice Piana, sancionada no governo da presidenta Dilma Rousseff (2011-2016) (Teles, 2024, p. 86-87).

Por sua vez, no que tange ao símbolo do girassol, em 17 de julho de 2023, foi sancionada a Lei nº 14.624/23, que formaliza a utilização não obrigatória do cordão do girassol, acompanhada de documento comprobatório, para identificar pessoas com as chamadas deficiências ocultas ou não visíveis, como autismo, transtorno de déficit de atenção (TDAH), deficiência intelectual, doença de Crohn e fobias extremas (Teles, 2024). Já o símbolo da neurodiversidade é um:

Símbolo capturado por uma parcela da comunidade autista, como elemento identificador, dentro de uma perspectiva de rompimento com o monocromático azul, é o infinito com as cores do arco-íris, que representa a neurodiversidade. É a partir dessa compreensão que temos a contraposição entre pessoas com funcionamento neurocognitivo típico (adequado aos padrões de normalidade) e atípico ou neurodivergente (inadequado ou fora dos padrões de normalidade) (Teles, 2024, p. 88).

O responsável pelo enredo foi o carnavalesco Tadeu Stangherlin, com colaboração da AMA (Associação de Pais e Amigos Autistas) e foi narrado a partir do ponto de vista de um menino de 10 anos, chamado Autos. De acordo com esse artista, o nome foi inspirado na etimologia da palavra autismo, do grego *autos*, que significa “em si mesmo”, sugerindo que o garoto está imerso em si próprio. No decorrer do enredo, com a ajuda da família e da medicina, Autos é diagnosticado com TEA. Essa descoberta muda completamente sua vida e o entendimento sobre a sua própria existência. Nesse ambiente de descobertas, ele renasce de uma existência em branco e preto para um novo espaço multicolorido, cheio de vida e com possibilidades.

Como podemos observar a seguir, em seu samba-enredo, a escola de samba deixa transparecer como enxerga o autismo. Na letra, são tensionadas e interpeladas questões ligadas aos símbolos dele, desde a cor azul ao infinito composto por multicores, representado no símbolo da neurodiversidade. Também foram trazidas à avenida temáticas como a educação, as lutas em torno da causa autista, as características da pessoa autista, a diversidade, a inclusão, a superação das dificuldades, entre outras. Tudo revestido, em tons poéticos, com esperança e a potência do afeto.

Menino azul  
Sou imaginação  
De vários tons  
Que vem do coração  
A mente fascinante ganha vida no pincel  
Sou “autos” de um morro  
Bem pertinho do céu  
E se me falta o verbo  
Entrego meu sorriso  
Nos ventos que assopram  
Um mundo colorido  
Em forma de magia,  
Figuras, alegria  
Prova que o amor vence o medo  
Me educar não tem nenhum segredo  
E passear eu vou, buscar meus ideais  
Ser livre pra voar em notas musicais  
Das “peças que me faltam”, vejo a esperança  
Pra montar o meu viver feito criança  
Pelas bandeiras  
Que fincaram minha luta  
Vou erguer em fase adulta  
Pelas ondas azuladas  
Diversidade! Ponte luz da inclusão  
Florescer superação  
Nos abris dessa jornada  
Se me entregam seu carinho,  
Meu afeto vou doar  
Quem percorre meu caminho  
Meu amor vai conquistar  
Quem me ver passar o tempo  
Na doçura da memória  
Escreveu a minha história  
Dasceuia gratidão! A mãe mais generosa!  
Vim dizer que o autismo tá na voz da verde rosa  
No samba o alento! No seu povo, meu abrigo  
Escola querida, sou o seu amigo  
(Bottamedi, 2024, *on-line*).

A agremiação se apresentou na avenida organizada da seguinte forma: “Setor 1: A Descoberta e Recomeço. Setor 2: Do Mundo Interior para o Exterior. Setor 3: Desafios com Superações. Lutas e Conquistas. Setor 4: Autos, o Rei da Folia no Carnaval Social” (Rissato, 2024, *on-line*). De acordo com essa autora, o objetivo da escola era promover uma plataforma de inclusão e conscientização acerca do TEA.

Também em 2024, a escola de samba G.R.E.S. Princesa do Igaraçu, de Parnaíba/PI, levou o autismo à avenida, sagrando-se campeã com o enredo “Abram alas

e deixem o autismo brilhar”. Nas fantasias e adereços que vestiram os foliões, era possível encontrar diversas referências à “Identidade Autista”, especialmente a predominância da cor azul e do símbolo do quebra-cabeça.

Segundo o carnavalesco Roberto William, a escola de samba está empenhada em criar uma apresentação emocionante, repleta de cores vibrantes, música contagiante e coreografias envolventes. “O objetivo é transmitir ao público toda a magia e encanto do Carnaval, ao mesmo tempo em que sensibiliza sobre a necessidade de respeito e inclusão das pessoas com autismo” (*Data Piauí*, 2024, *on-line*).

O carnavalesco, que também é presidente da escola, afirma que o tema foi inspirado no seu filho, que possui diagnóstico de autismo. A ideia central dos organizadores do evento era dar visibilidade à causa autista, conscientizar a sociedade e promover a inclusão. Em contrapartida, a letra do samba-enredo define o autista como “Uma estrela de um mundo tão distante, onde ninguém consegue alcançar, eu tenho um brilho fascinante que vai muito além do seu olhar” (2024). De alguma forma, essa referência coloca o autismo como algo distante da sociedade, concedendo-o uma categorização de supra-humano, quase inatingível. O que, de certa forma, confere a essa condição algo que se aparta da humanidade.

O Galo da Madrugada, atualmente, é considerado o maior bloco carnavalesco do mundo, pois arrasta mais cerca de 2,5 milhões de pessoas, no Recife Antigo. Os foliões seguem o cortejo sem cordas, ao som de trios elétricos, embalados por marchinhas de frevo e músicas típicas do Carnaval. Foi criado em 4 de fevereiro de 1978. Na ocasião, cerca de 75 pessoas fantasiadas de almas penadas percorreram as ruas do bairro de São José, localizado em Recife/PE. Entre confetes e serpentinas, os foliões brincaram acompanhados por uma orquestra de Frevo composta por 22 músicos. Nascia assim o Clube das Máscaras o Galo da Madrugada, que despertava ao nascer do sol.

No ano de 2025, foi nacionalmente publicizada a notícia de que o Galo da Madrugada faria uma homenagem às pessoas autistas. A ideia foi concebida a partir da

cor azul nas asas do Galo e um colar de quebra-cabeça em seu pescoço, objetivando transmitir uma ideia de inclusão e conscientização para milhares de pessoas.

A inspiração para caracterizar o Galo com signos da “Identidade Autista” veio do pedido de uma criança de 11 anos de idade, Félix, que é fã do bloco.

13

Ele coleciona desenhos das edições passadas e, em 2024, teve a oportunidade de conhecer Leopoldo Nóbrega, o artista responsável pela decoração do Galo. Desde então, Félix passou a enviar desenhos e manifestar seu desejo de ver algo do seu “mundinho” representado no gigante (Mendes, 2025, *on-line*).

**Figura 2 – Galo Cidadão Ecológico 2025**



Fonte: Acervo de Priscilla Mello/DP.

Ainda em meio ao Carnaval de Pernambuco, em 2025, as ruas do Recife Antigo nos levaram ao Marco Zero, local no qual acontecem apresentações de diversos artistas de renome nacional. Presenciamos o *show* de Nação Zumbi, banda pernambucana que nasceu na cidade de Olinda/PE, em 1990. Em 1994, a banda lançou o aclamado álbum



*Da lama ao caos*, pela gravadora Sony Music, produzido por Liminha. A formação inicial foi:

[...] resultado da união de alguns componentes das bandas Loustal e Lamento Negro. Foi o pioneiro no estilo que se convencionou chamar de “Mangue Beat”, gênero marcado pela mescla de ritmos tradicionais pernambucanos, como o coco e o maracatu, com elementos do *rock*. [...] Na primeira formação constavam Chico Science (Francisco de Assis França – 13/3/1966 Recife – 2/2/1997 Recife: (voz), Lúcio Maia (guitarra), Alexandre Dengue (baixo), Gilmar Bolla (tambor), Gira (tambor), Canhoto (caixa), Toca Ogam (percussão) e Otto (Otto Maximiliano Pereira de Cordeiro Ferreira – 28/6/1968 – Belo Jardim, PE – percussão). O grupo fez a sua primeira apresentação no espaço Oásis, em Olinda, no ano de 1991 (Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, 2025, *on-line*).

Reconhecida pelas suas letras, que ressoam crítica social às desigualdades encontradas em Pernambuco, a banda demarca territórios por meio da luta e do engajamento antissistema. Em 2025, a banda dedicou seu *show* no Marco Zero às pessoas autistas, utilizando como símbolo meias com estampa de quebra-cabeça.

Mais uma vez, a mensagem de inclusão de pessoas autistas na sociedade figurou em meio ao Carnaval, ao som de ritmos regionais com a pegada *pop*, na capital pernambucana. Diante das nuances expostas, é inegável reconhecer a potência de engajamento da causa autista e a importância da visibilidade social que a inclusão dessas pessoas toma nesses contextos, que se apropriam da perspectiva de conscientizar pessoas acerca do autismo.

### 3 Considerações finais

O objetivo deste ensaio não foi estabelecer uma crítica negativa às estratégias de divulgação da causa autista nos carnavais pelo Brasil, que consideramos importantes no tempo histórico atual. No entanto, consideramos que é mister tensionar o debate para além do colorido festivo, que, infelizmente, pode reduzir a causa identitária, a qual é fruto de lutas de diversos movimentos sociais, a uma manifestação pontual e superficial.



Não obstante a relevância da inserção da temática do autismo, em termos de visibilidade, ressaltamos aqui algumas reflexões que podem esvaziar a pauta e levá-la para um lugar tão somente festivo, alegórico, que, de fato, agoniza-a pela via de *performances*, conforme apresentamos nas manifestações culturais elencadas na seção 2. Portanto, pensar em estratégias de acessibilidade dessas pessoas nos espaços carnavalescos, que estejam adequadas ao nível de suporte e às suas necessidades, bem como em recursos de tecnologia assistiva, que possibilitem a efetiva inclusão, é fundamental para problematizar a causa, considerando a importância da luta das pessoas autistas e suas famílias para acessar esses espaços.

O Carnaval em si possui uma geografia própria e, ainda que sem cordas, expõe uma série de processos excludentes que ocorrem cotidianamente na sociedade. Essa ocorrência é facilmente observada na presença dos camarotes e das áreas VIP e na cor da pele de mulheres e crianças que passam dias nas ruas catando latinhas de alumínio. Em meio à diversão que emerge à superfície carnavalesca, denúncias mais complexas de exclusão podem facilmente se perder entre confetes e serpentinas – inclusive a própria pauta de inclusão de pessoas autistas na sociedade, ainda que repleta de boas intenções.

Também defendemos que sempre há um risco iminente de estabelecimento de rotulações que derivam da “Identidade Autista”, dos seus símbolos e do tom azul, desconsiderando questões referentes à interseccionalidade. Em meio a tudo que é panfletário, os processos de subjetivação de cada pessoa autista podem se perder, denotando um descompasso rítmico entre o que efetivamente é o autismo, como forma de existir em sociedade, e os vieses estereotipados que circulam entre avenidas e enredos.

Reconhecemos o valor das intenções das manifestações carnavalescas, com fins de conscientização acerca do autismo, mediante práticas educativas. No entanto, ressaltamos a importância de lembrarmos que as lutas precisam atingir a desigualdade de classes; a garantia dos direitos que perpassam pela inclusão efetiva no sistema educacional, com suporte adequado às demandas; o acesso às terapias e ao tratamento adequado, tanto na rede pública quanto na rede privada; e a criação de políticas intersetoriais, que garantam a inclusão social, a empregabilidade e assegure um futuro

digno a essas pessoas. Por fim, lembramos que cabe a todos o compromisso com a retirada das máscaras e fantasias que pairam sobre o autismo, ainda que seja em pleno Carnaval.

## Referências

16

APA. American Psychiatric Association. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. DSM-V. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

BOTTAMEDI, Felipe. Carnaval NDTV: Dasculia põe os pés na passarela com Autos e a bandeira da inclusão. **ND+**, 10 fev. 2024. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/carnaval-ndtv-dasculia-poe-os-pes-na-passelela-com-autos-e-a-bandeira-da-inclusao/>. Acesso em: 1º maio 2025.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência Nº 13.146**. Brasília, 6 jul. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 26 abr. 2025.

BRASIL. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Lei Nº 12.764**. Brasília, 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm). Acesso em: 8 jul. 2025.

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. **Nação Zumbi**. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/grupo/nacao-zumbi/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

DIRETO DA REDAÇÃO. Escola de Samba Princesa do Igarau lança enredo sobre o Autismo para carnaval 2024. **Jornal da Parnaíba**. Disponível em: <https://datapiui.com/manchete/escola-de-samba-princesa-do-igaracu-lanca-enredo-sobre-o-autismo-para-carnaval-2024/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

DASCUA. Cores do Coração: Uma Jornada pelo Autismo. YouTube, 27 nov. 2023. 5min11s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0mQZQeRJta4>. Acesso em: 18 ago. 2025.

ENREDO, Classif. Grupo, Letra, MP3. 2006. Na terra do Futebol e do Samba o Bloco do Dasculia da ... **Cores do Coração**: Uma Jornada pelo Autismo, 6º, 1, Letra 2024.

FERREIRA, Felipe. Carnaval e cultura popular. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, [s. l.], v. 8, n. 2, 2011. DOI: 10.12957/tecap.2011.10327. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tecap/article/view/10327>. Acesso em: 22 jun. 2025.

GABRIEL, Eleonora. Linguagens artísticas da cultura popular. In: SILVA, René Marc da Costa. **Cultura popular e educação: salto para o futuro**. TV escola/SEED/MEC, 2008. p. 75-82.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006. 128 p.

LEBOYER, Marion. **Autismo Infantil: Fatos e modelos**. Campinas: Papyrus, 1995. 192 p.

LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Tradução de Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006. 207 p.

MATÉRIA ESCURA. **Carnaval origens**. 17 abr. 2025. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/DliwtoYOE\\_z/?igsh=MW05c3l2amVrOXduZQ==](https://www.instagram.com/reel/DliwtoYOE_z/?igsh=MW05c3l2amVrOXduZQ==). Acesso em: 25 mar. 2025.

MENDES, Malu. Sonho de criança com autismo inspira detalhes na "roupa" do Galo Gigante. **Diário de Pernambuco**, 17 fev. 2025. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2025/02/sonho-de-crianca-com-autismo-inspira-detalhes-na-roupa-do-galo.html>. Acesso em: 25 abr. 2025.

ORRÚ, Silvia Ester. **Aprendizes com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes**. Petrópolis: Vozes, 2016. 248 p.

ORRÚ, Silvia Ester. **O autismo em meninas e mulheres: diferença e interseccionalidade**. Petrópolis: Vozes, 2024. 312 p.

PAIVA Jr. CDC aponta 1 em 31: prevalência de autismo nos EUA aumenta novamente; Brasil pode ter 6,9 milhões de autistas. **Canal Autismo**, 16 abr. 2025. Disponível em: [https://www.canalautismo.com.br/noticia/cdc-aponta-1-em-31-prevalencia-de-autismo-nos-eua-aumenta-novamente-brasil-pode-ter-69-milhoes-de-autistas/#google\\_vignette](https://www.canalautismo.com.br/noticia/cdc-aponta-1-em-31-prevalencia-de-autismo-nos-eua-aumenta-novamente-brasil-pode-ter-69-milhoes-de-autistas/#google_vignette). Acesso em: 24 de abr. 2025.

RISSATO, Heloise. Escola de Samba Dascuia: desfile para conscientização e inclusão no TEA. **GenialCARE**, 21 fev. 2024. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/desfile-da-escola-de-samba-dascuia/>. Acesso em: 25 de abr. 2025.

SILVA, Selma Sueli; MENDONÇA, Sophia. **Autismo no feminino** [livro eletrônico]: a voz da mulher autista. 1. ed. Belo Horizonte: Mundo Asperger, 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2015.

TELES, Perolina Souza. **O alinhavo da Primavera Autista**: entre o ponto, o molde da identidade e a linha de devir. 2024. 295 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/20748>. Acesso em: 1º maio 2025.

TELES, Perolina Souza; ZOBOLI, Fabio; ORRÚ, Silvia Ester. Autismo, biopolítica e educação: entre peças que emolduram o quebra-cabeça da normalidade. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 20, n. 51, 2024. ISSN 2178-2679. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S2178-26792024000100126&lng=es](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2178-26792024000100126&lng=es). Acesso em: 1º maio 2025.

<sup>i</sup> **Perolina Souza Teles**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7334-6553>

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Professora da rede pública do estado de Sergipe. É doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Membro do grupo de pesquisa “Corpo e política”. Contribuição de autoria: concepção e desenho, redação do artigo e aprovação final da versão a ser publicada.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9614732209870510>

E-mail: [perolinasouza@hotmail.com](mailto:perolinasouza@hotmail.com)

<sup>ii</sup> **Fabio Zoboli**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5520-5773>

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pós-doutor em Educação do corpo pela Universidad Nacional de La Plata (UNLP-Argentina). Membro do grupo de pesquisa “Corpo e política”.

Contribuição de autoria: concepção e desenho, redação do artigo e aprovação final da versão a ser publicada.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0682121655932961>

E-mail: [zobolito@gmail.com](mailto:zobolito@gmail.com)

**Editora responsável:** Genifer Andrade.

---

**Especialistas *ad hoc*:** Daiane Pinheiro e Juarez da Silva Paz.

**Como citar este artigo (ABNT):**

TELES, Perolina Souza; ZOBOLI, Fabio. Práticas educativas em pleno Carnaval: o autismo entre confetes e serpentinas. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 7, e15526, 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/15526>

Recebido em 5 de maio de 2025.

Aceito em 9 de julho de 2025.

Publicado em 9 de setembro de 2025.